

1. 1997. 111p. (Estudos e Documentos, 30)

CATANI, Denice Barbara

C356p

A pesquisa em educação e o intercâmbio cultural. Denice Barbara Catani.

São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 1991. 111p.

(Estudos e Documentos, 30)

1. Pesquisa em Educação 2. Intercâmbio Cultural 3. Relatos de Viagens I. Título

Os textos aqui apresentados constituem relatos de viagens de estudos dos professores da Faculdade de Educação da USP em 1990 e 1991. Tais viagens tiveram como objetivos, em sua maioria, a realização de contatos com especialistas estrangeiros, a atualização bibliográfica, participação em seminários e cursos ou visitas a instituições educativas. Acredita-se que a publicação dos relatórios que descrevem essas atividades permite a socialização de informações acerca de fontes de pesquisa e as tendências mais recentes no desenvolvimento de trabalhos sobre educação. Simultaneamente, os relatórios evidenciam ainda um conjunto de diretrizes de investigação que, no momento, vem sendo objeto de interesse para a comunidade nacional e internacional.

A diversidade dos trabalhos e a variedade de instituições com as quais se efetivou o intercâmbio reflete a riqueza de perspectivas que estão abertas para a pesquisa educacional. Os relatórios, em sua maioria, além da explicação dos contatos realizados tecem considerações a respeito de questões metodológicas ou perspectivas de investigação. Assim, estão contempladas áreas como a do ensino de línguas e ciências, psicologia, sociologia, história da educação e educação pré-escolar. Apresentam-se informações relativas a diversos centros de pesquisa e os trabalhos que neles se realizam, oferecendo um conjunto de informações que deve ser útil para outros pesquisadores brasileiros interessados no desenvolvimento do campo de estudos sobre a educação.

*Denice Barbara Catani
(Organizadora)*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Série ESTUDOS E DOCUMENTOS

Vol. 30

APRESENTAÇÃO

O Ensino de Ciências e o Papel da Didática Especial - Anna M. P. de CARVALHO

Vida Escolar: Atores, Práticas, Processos - Belmira A. B. O. BUENO

Enfoques Metodológicos na Historiografia Francesa Recente sobre História da Educação Feminina - Cynthia P. S. VILHENA

A Imprensa Pedagógica e a Constituição do Campo Educacional no Brasil - Denice B. CATANI

Vida Escolar: Atores, Práticas, Processos - Denise T. R. de SOUZA

Psicanálise e Educação - Sistematização das Idéias e uma Proposta de Ação Pedagógica - Elisabete MOKREJS

Perspectivas Históricas no Estudo da Socialização - Maria C. C. C. de SOUZA

Vida Escolar: Atores, Práticas, Processos - Maria M. M. CAMPOS

Linguagem, Cultura e Cognição - Maria T. F. ROCCO

A formação de Professores na Espanha e na França - Marília P. SPOSITO

Cultura, Linguagem e Cognição - Marta K. de OLIVEIRA

Saber Teórico - Saber Escolar: Perspectiva de Pesquisa no Campo da História Cultural - Marta M. C. de CARVALHO

Os Processos de Interlocução na Construção da Língua Escrita - Mary J. M. DIETZSCH

O Registro Videográfico e o Ensino de Ciências Naturais: Viagem de Estudo - Moacyr R. do VALLE FILHO

Ensino de Ciências e História da Ciência: contribuições de uma viagem à Grã-Bretanha - Nélio M. V. BIZZO

Processos de Construção de Conhecimento do Professor sobre o Ensino: Articulações entre o Saber Sistematizado e a Vivência - Sonia T. S. PENIN

Projeto LABRIMP - A Educação pelo jogo na França e Bélgica - Tizuko M. KISHIMOTO

SABER TEÓRICO - SABER ESCOLAR: PERSPECTIVA DE PESQUISA NO CAMPO DA HISTÓRIA CULTURAL

Marta Maria Chagas de Carvalho

Em janeiro de 1990, viajei a Paris para um estágio de pesquisa de 45 dias vinculado ao Programa de Intercâmbio BID - USP - Pesquisa Institucional, articulado ao projeto "*A Cultura Escolar Brasileira*".

Como coordenadora do Programa, mantive contatos diversos com pesquisadores do Service d'Histoire de l'Éducation (SHE), do Institut National de Recherche Pédagogique (INRP) e da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Nesta última, contatei a pesquisadora Monique de Saint-Martin, acertando pormenores de sua vinda à FEUSP, no âmbito do Programa, dando prosseguimento a entendimentos que já vinham sendo feitos, por carta, pela Prof^a. Dr^a. Denice Barbara Catani. No INRP, mantive contatos destinados a coletar informações sobre as linhas de pesquisa ali desenvolvidas, de modo a repassá-las aos docentes interessados da FEUSP. Entre tais contatos, vale especialmente registrar o mantido com M. Alain Choppin, responsável pelo Banco EMMANUELLE, que resultou numa visita ao Banco de Dados dirigido por M. Pierre Caspard. O Banco EMMANUELLE tem como principal objetivo fornecer a pesquisadores e pedagogos um corpus exaustivo e informatizado sobre manuais escolares editados na França, desde a Revolução. Trata-se de programa destinado à produção de instrumentos de pesquisa científica, que é um dos objetivos principais do SHE. Da visita ao EMMANUELLE, resultaram novos contatos com M. Choppin em que pude reunir material valioso para a constituição de um banco de dados similar e conectado ao EMMANUELLE na FEUSP. Comprometi-me a encaminhar institucionalmente o material e a tomar iniciativas que pudessem viabilizar tal constituição, o que fiz imediatamente após o meu retorno para o Brasil, em carta à chefia do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação e à Direção da FEUSP e, mais informalmente, nas reuniões da área "*Escola, memória histórica e produção pedagógica*", por ocasião da formulação do Projeto BID-USP II, da FEUSP. Interessei-me também, naquela ocasião, em colaborar no sentido de viabilizar, no Brasil, o acesso, em nível nacional, ao EMMANUELLE, sugerindo a M. Choppin que a iniciativa fosse tomada através da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), do que resultou a elaboração de uma carta

que encaminhei à então coordenadora do Grupo de Trabalho de História da Educação da referida associação, Prof^a. Dr^a Clarice Nunes. Essas iniciativas contaram posteriormente com o interesse e o substancial apoio da Prof^a Circe Bittencourt e estão resultando, acrescidas pelas possibilidades abertas pelas pesquisas que esta professora vinha desenvolvendo na França sobre o livro didático, na constituição de um Banco de Dados, na FEUSP, articulado, via ANPED, a outro, constituído na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ainda visando a abrir perspectivas de pesquisa no âmbito do Programa, contatei M. Pierre Caspard, diretor do SHE, manifestando interesse pelo estabelecimento de convênio entre a USP e o INRP. Na oportunidade, obtive uma carta sua e um catálogo das linhas de pesquisa conduzidas no INRP, que coloquei à disposição dos professores da FEUSP. Pude ainda, por seu intermédio, colher informações sobre o programa de pesquisas, dirigido por ele no SHE, de uma história serial da imprensa pedagógica. O programa objetiva evidenciar como e sobre quais temas a administração, as associações, os editores comerciais etc. se dirigem a professores e educadores, fornecendo-lhes materiais, orientações práticas e reflexões gerais sobre a criança, a escola e a pedagogia. O estudo da imprensa pedagógica pretende constituir-se, ainda, em subsídio importante para estudos sobre as práticas pedagógicas escolares e extra-escolares. O programa interessou-me especialmente por sua conexão com o projeto "*Saber teórico, saber escolar*", articulado ao projeto "*A Cultura Escolar Brasileira*", em que há uma linha de pesquisa voltada para a imprensa pedagógica periódica.

Ainda no INRP, contatei os pesquisadores M.Jean Hébrard e M. André Chervel, que desenvolvem pesquisas no programa História das Disciplinas Escolares, que tem por fim impulsionar e coordenar trabalhos interdisciplinares, contribuindo para constituir uma problemática de conjunto e criar instrumentos de trabalho apropriados. Este programa interessou-me sobremaneira, na perspectiva de estudos de história da educação atentos à dinâmica cultural da escola. O contato com M. André Chervel acabou por facilitar a organização, na FEUSP, de um ciclo de seminários sobre história das disciplinas escolares, ministrados pelo pesquisador em dezembro de 1990, uma vez que a visita de M.Chervel ao Brasil foi patrocinada pelo Consulado da França.

O contato com M. Jean Hébrard teria resultado numa iniciativa similar- a de um ciclo de seminários sobre História da Leitura-, não fosse o cancelamento de sua viagem ao Brasil devido à sua nomeação como assessor para assuntos educacionais do então Primeiro Ministro francês, M.Rocard. O contato

estabelecido com ele foi, entretanto, extremamente proveitoso, tendo mesmo desempenhado o papel de redirecionar as pesquisas que eu vinha fazendo em Paris.

Os trabalhos que M. Jean Hébrard vem realizando, seja no campo da história da escolarização dos saberes elementares na época moderna, seja no campo da história da leitura, atento aos dispositivos escolares, editoriais e bibliotecários, de modelização das práticas de leitura, interessaram-me bastante. Das conversas que mantive com ele, resultaram valiosas indicações bibliográficas e sugestões que acenaram com novas perspectivas de investigação sobre a educação no âmbito da História Cultural. Foi uma dessas sugestões que me levou ao Institut d'Histoire du Temps Present (IHTP) do Centre National de Recherche Scientifique (CNRS), onde pude consultar extenso material de pesquisa coordenado por M. Jean Pierre Rioux, que repertoria a produção francesa no campo da História Cultural, levantando problemas e delineando direções de trabalho. Foi também a partir dos contatos mantidos com M. Jean Hébrard que pude aquilatar melhor o interesse, para as pesquisas que venho realizando, das investigações de Roger Chartier no campo da História da Leitura.

O interesse principal de minhas pesquisas atuais centra-se no tema da inovação pedagógica. Venho atualmente trabalhando com o confronto político-pedagógico que se instaura em torno desse tema no Brasil no período 1931-1936, analisando os discursos que o refratam como intervenções que, a partir de posições determinadas que efetuam, constituem e recortam um campo, o da pedagogia, produzindo, concomitantemente, modelos de ação pedagógica exemplar. Um trabalho como este não poderia deixar de enfrentar a questão da apropriação, realizada nesses discursos, na leitura que fazem da produção escolanovista estrangeira.

Interessada nesta relação entre iniciativas de renovação escolar dos educadores brasileiros nas décadas de 1920 e 1930 e iniciativas congêneres de grupos de educadores estrangeiros, fiz um levantamento bibliográfico na biblioteca do INRP. Localizei documentos sobre a composição e objetivos do Grupo Francês da Educação Nova, filiado à Liga Internacional pela Educação Nova. examinando exemplares da revista editada pelo grupo **Pour l'ère nouvelle**. Além disso, examinei as publicações dos anos 1920-1930 disponíveis na biblioteca, concernentes ao tema da inovação pedagógica no período. A discussão de meu projeto de pesquisa com M. Jean Hébrard, entretanto, deslocou alguns dos referenciais teóricos de minhas investigações e conduziu-me a dar prioridade a um levantamento bibliográfico centrado nos referenciais teóricos das investigações de Roger Chartier no campo da História da Leitura.

Participando dos seminários deste historiador na EHESS e examinando-lhe os trabalhos de História Cultural, interessei-me por seus procedimentos de análise das práticas literárias, circulações textuais e apropriações culturais no Antigo Regime.

Nos estudos de Chartier, tem estatuto fundamental o conceito de **apropriação**, tomado por ele e Michel de Certeau. É este conceito que lhe permite pensar o consumo como produção e, por esta via, centrar a atenção nos diferentes usos contrastantes dos mesmos produtos, dos mesmos textos, das mesmas idéias, marcando, através dele, três distanciamentos. Em primeiro lugar, relativamente ao que chama de "*sociologia retrospectiva*", que durante muito tempo fez da distribuição desigual dos objetos o critério primeiro da hierarquia e da diferença cultural; em segundo lugar, relativamente ao postulado, recorrente no campo da história das idéias, de que é possível atribuir aos textos uma univocidade de sentido, independentemente da sua apropriação por um sujeito ou por um grupo de sujeitos; em terceiro lugar, relativamente a uma "*fenomenologia da leitura*" que, apagando todas as modalidades concretas do ato de ler, acaba por caracterizá-lo por seus efeitos, postulados como universais.

Este triplo distanciamento, próprio da "*estética da recepção*", implica, para Chartier, pensar as práticas de leitura na sua materialidade, como práticas, que se dão sempre na relação, de um lado, de leitores caracterizados por competências específicas, identificados por suas posições e disposições, tais como aparecem no ato de ler e, de outro, de textos cuja significação depende de esquemas discursivos, formais, que Chartier chama de "*dispositivos tipográficos*", no caso de textos impressos. Assim, o campo da História da Leitura delinea-se, nas proposições de Chartier, como constitutivamente tensionado pela relação entre **esquemas** modelizadores da leitura, discerníveis retoricamente como contrato enunciativo e prescrições de gênero e estilo em textos e impressos, e **modos** de lê-los, entendidos como modos de apropriação. No campo assim constituído, a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escrita) é considerada como um processo historicamente determinado, cujos modos e modelos variam segundo o tempo, os lugares, as comunidades. O que implica identificar as "*disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura*" e supõe o reconhecimento de uma série de contrastes: entre competências de leitura; entre normas, que definem, para cada comunidade de leitores, os usos do livro, as maneiras de ler, os procedimentos de interpretação; entre expectativas e interesses diversos que diferentes grupos de leitores investem em suas práticas de ler.

As proposições de Roger Chartier acerca da História da Leitura incentivaram-me a deslocar as pesquisas que vinha realizando para o campo de uma história material da circulação do impresso e de suas apropriações nas práticas de leitura. Neste campo seria possível determinar, com mais precisão, as estratégias do impresso na constituição e disseminação do escolanovismo no Brasil, no período estudado. Além disso, seria possível analisar os discursos escolanovistas brasileiros como leituras da literatura pedagógica estrangeira, determinando os usos desta nas apropriações efetuadas. Ainda, seria possível colocar, de forma mais acurada, o problema do impacto do impresso escolanovista na vida escolar, tratando-se como problema relativo a "*modos de lê-los, entendidos como modos de apropriação*".

Este deslocamento nos meus interesses de trabalho traduziu-se em pesquisas bibliográfica destinada a fazer avançar a compreensão conceitual das principais proposições de Roger Chartier no campo da História da Leitura. Tornava-se importante, primeiramente, dar conta da relação que ele estabelece entre **esquemas modelizadores da leitura e modos de apropriação**, relação que tensiona, segundo ele, constitutivamente o campo das práticas de leitura. A tarefa, aparentemente simples, evidenciava-se espinhosa, na medida em que empreendê-la supunha percorrer uma espécie de itinerário invertido de Chartier, estabelecendo algumas de suas principais interlocuções na elaboração de conceitos capazes de dar conta desse campo.

Foi importante, por exemplo, referir o percurso de Chartier a uma certa tradição dos Annales que ele constrói, na leitura que faz da mesma como seu próprio lugar de produção. Tradição que, deste lugar, ele interroga, situando-se nas suas interlocuções, acompanhando-a nos problemas que ela se coloca, nas ferramentas conceituais que forja para respondê-las e nas suas práticas. Tradição que ele interroga, principalmente nas críticas que faz à chamada "*história das mentalidades*", avançando proposições que articulam de uma maneira nova as relações entre os recortes sociais e as práticas culturais.

Nesta direção, foi importante determinar as ferramentas que mobilizou na distância que construiu relativamente ao que chama de uma maneira clássica de fazer a história das mentalidades. Tratar de forma nova as relações entre os recortes sociais e as práticas culturais, transitando de uma história social da cultura para uma história cultural do social implicou fazer a crítica de uma concepção estreitamente sociográfica que se supõe capaz de organizar a compreensão das diferenciações e das partilhas culturais, conferindo um primado ao recorte social. Mas efetuar tal crítica supunha a elaboração de novas ferramentas conceituais, capazes de dar conta de identificar os recortes sociais nas práticas culturais. Para tanto, foi-lhe necessário, primeiramente, o

recurso a Foucault, concebendo o discurso em sua descontinuidade, especificidade e exterioridade e reintroduzindo, no âmago da crítica histórica, o "questionário" proposto em **A Ordem do Discurso**. Formula-se aí um programa que desqualifica pretensões de caracterizar, a partir da análise temática de um conjunto de textos, uma "mentalidade", como também uma "visão de mundo" ou uma "ideologia". Mas foi necessário distanciar-se de Foucault referindo-o não mais à prática historiográfica dos *Annales* dos anos 50 e 60 que lhe servira de referência para o programa delineado em **A Ordem do Discurso**, mas ao problema da história como "relato verídico", posto na historiografia dos anos 80. Isto significará redefinir o problema colocado por Foucault - determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre diferentes séries - pensando o trabalho histórico como um trabalho sobre a relação entre **representações e práticas**. Reintroduzindo, assim, a questão da representação e, com ela, a do sujeito, Chartier distancia-se de Foucault sem, entretanto, abandoná-lo. Isto porque a reintrodução do "questionário" foucauldiano na análise dos discursos delineia um requisito que terá de ser contemplado na elaboração do conceito de **representação**, que Chartier pretende substitua o de **mentalidade**. Tomar os discursos em seus agenciamentos, em sua descontinuidade e especificidade, como **práticas**, implicará conceber **representação** como prática em que se posicionam seus agentes e que constitui o "social" como social ordenado, hierarquizado, classificado a partir das posições dos agentes nela articuladas. Como **prática cultural**, portanto, que inscreve em suas próprias estruturas, nas suas diferenças mais formais, as diferenças e os recortes mais socialmente enraizados. Esta ênfase no que Chartier chama de "formalidade das práticas", seguindo Michel de Certeau, será fundante de seus procedimentos de análise dos esquemas de modelização da leitura.

O conceito abre espaço para a incorporação que faz Chartier dos recursos das análises de Mikhail Bakhtin, em seu **Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance**, e da estética da recepção, de Hans-Robert Jauss e W.Iser. Mas é também essa atenção à "formalidade das práticas" que leva Chartier a valorizar os trabalhos de Norbert Elias cujos estudos sobre a "Sociedade de Corte" identificam, na forma da representação, a **posição** do agente que a produz. É que, nessa sociedade, o ser social do indivíduo é identificado, como Elias evidencia, à representação que faz de si para outros, o que obviamente implica a disputa das representações, sua identidade instável, a constituição da representação "verdadeira" pelos signos adequados e a exclusão de outras.

É assim, o conceito de **representação** construído por Chartier que lhe permite transitar de uma história social da cultura para uma história cultural da

sociedade. A construção das identidades sociais, o ordenamento e a hierarquização da estrutura social são práticas de representação em que se refratam, ao mesmo tempo em que se estruturam, as divisões sociais. As configurações múltiplas através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade e as práticas através das quais esses grupos buscam fazer reconhecer uma identidade social estão em permanente relação de força. Tal relação é marcada, constitutivamente, pela tensão entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e nomear e a aceitação, a emulação ou a resistência de grupos que não detêm. É nesta "luta de representações" que se dá o processo de construção cultural da sociedade.

A articulação entre práticas culturais e formas de exercício de poder contemplada no próprio conceito de **representação** de Chartier está expressa, também, em seu conceito de **apropriação**, tomado a Michel de Certeau, de *L'invention du quotidien: Arts de faire*, que o articula a um modelo polemológico, concebendo-o como **tática** por oposição e estratégia: "*sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se é no corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder enquanto a estratégia é organizada pelo postulado de um poder*" (p.88). Enquanto táticas, as práticas de apropriação não têm como lugar senão o lugar do outro, que deslocam. Assim, a tática deve articular-se no "*terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estrangeira*". Ela é movimento "*no interior do campo de visão do inimigo*" 86).

É enquanto tática de apropriação que a prática de leitura é proposta por Michel de Certeau como "*caça furtiva em território alheio*".

Donde sua relação de tensão com os **esquemas de modelização da leitura** legíveis nas estratégias textuais e editoriais de textos e impressos, relação que Chartier pensa como constitutiva do campo da História da Leitura.

O conceito de apropriação de Chartier, **mantém** distância do conceito foucauldiano de "*apropriação social dos discursos*", procedimento de ordenação e controle dos discursos que funciona como dispositivo de rarefação dos sujeitos falantes. Trata-se de, com ele, enfatizar diferenças de usos e de significações investidas na leitura, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem, recusando o conceito de Foucault, que opera com a noção de um controle exclusivo e anônimo dos discursos por instituições que os confiscam. Contra essa concepção, Chartier opõe um modelo de compreensão das práticas de leitura que põe em contraste **disciplina e invenção**.

Segundo ele, os dispositivos que produzem controle e condicionamento também produzem táticas que os subvertem ou dominam; contrariamente, não existe produção cultural que não transforme materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não seja objeto da censura ou do controle de quem domina as palavras ou os gestos.

Não é ainda suficiente, contudo, enfatizar, através do conceito de apropriação, as diferenças de uso e de significação investidas na leitura, pondo em contraste **disciplina e invenção**. Segundo Chartier, para dar conta das articulações entre práticas culturais, formas de exercício de poder e recortes sociais, será ainda necessário um modelo de compreensão da circulação dos objetos ou dos modelos culturais que atribua menor peso à sua distribuição desigual como critério de hierarquia e de diferença cultural e que deixe de reduzir a circulação à simples difusão, geralmente pensada como um movimento de cima para baixo. Para tanto, Chartier propõe o par conceitual **distinção/divulgação**, recorrendo uma vez mais a Norbert Elias e ainda, a Pierre Bourdieu, de modo a reconhecer, no interior dos mecanismos de imitação, a reprodução das distâncias hierárquicas, as rivalidades e as concorrências na partilha e consensos e, ainda, as novas distinções produzidas nos próprios processos de divulgação.

Percorrida esta espécie de itinerário conceitual nas pesquisas bibliográficas que realizei em Paris, importou-me, ainda, reunir publicações no campo da História da Leitura, valendo-me, para isso, das indicações bibliográficas encontradas nos trabalhos de Roger Chartier e de levantamento em livrarias e na Biblioteca da École des Hautes Études en Sciences Sociales. Ainda, interessada na nova História cultural francesa e, por isso, atenta a estudos sobre processos culturais de *"mise en mots"*, *"mise en scènes"* e *"mise en images"*, voltei-me também para o exame de publicações sobre temas como história de museus, de bibliotecas, das Exposições Universais, etc. Foi devido a este último interesse que participei, ainda na EHESS, de seminários de Madeleine Riberioux: *"Recherches en histoire culturelle: les expositions universelles de la 2ème moitié du XIX Siècle et le champ de la connaissance"*. Ainda, uma última menção deve ser feita à minha participação em seminário de Véronique Nahoun-Grappe, realizado por iniciativas do CNRSS no Musée de l'Homme, sobre a forma narrativa em História.

LINGUAGEM, CULTURA E COGNIÇÃO

Maria Thereza Fraga Rocco

I- CONSIDERAÇÕES GERAIS

Enquanto membro do grupo **Linguagem, Cultura e Cognição**, que se inscreve no âmbito do projeto de pesquisa, **Cultura Escolar Brasileira**, desenvolvido pela FEUSP, temos como objetivos gerais, entre outros os seguintes:

a) Ampliar as condições para um aprofundamento de investigações na área da linguagem com o intuito de ligá-las a questões mais específicas da área educacional;

b) Realizar, a partir do binômio escola-linguagem, a observação e análise de como se estabelecem as relações entre linguagem, cultura e cognição.

Acreditando que o desenvolvimento humano ocorre graças à existência de **matrizes dialógicas** que, no decorrer de toda a vida, vão estruturando a interação do indivíduo com seus mais diferentes pares de interlocução, julgamos que uma tal concepção de linguagem permita, então, ampliar o estudo e análise dos diferentes discursos verbais que permeiam, **entre tantas outras**, as atividades educacionais.

Para levar em frente uma pesquisa que pudesse dar conta de investigação linguística de tal natureza, optamos por realizar um trabalho calcado nas linhas da **Análise de Discurso** (ou, das **Análises de Discursos**).

E por que razão? A **Análise de Discurso (AD)** contempla as dimensões: comunicativa, cognitiva, representacional e cultural da linguagem.

Trata-se de procedimentos que se atém às múltiplas instâncias em que se atualiza o **dialogismo linguístico**. Assim, por meio da AD são contemplados os processos enunciativos, em seus múltiplos recortes e polifonias; a superfície discursiva e as marcas lingüísticas de enunciados e textos. Por meio da AD, estuda-se também a **dimensão pragmática** do verbal, contida nos **"fatos"** e **"dizeres"** do entorno cotidiano; estudam-se ainda, pela AD, os contextos situacionais e as condições de produção dos textos, bem como as **posições** de interlocutores e os **lugares** da interlocução. Estuda-se o **"dito"** e o **"não dito"**;

enfim, analisa-se todo o processo de pressuposição e toda a dimensão argumentativa do verbal.

Por meio da descrição de **operações de linguagem**, por meio da descrição e análise de certos índices verbais encontráveis, por exemplo em textos escolares, ou em outras quaisquer, verifica-se que a AD torna ainda possível o estudo dos processos de **representação** intra-locutores, bem como o estudo da natureza do conhecimento que entre tais locutores, é partilhado. E conseqüentemente, permite a AD que se observem as características definidoras da própria transmissão desse conhecimento.

II- O ESTÁGIO

Em razão de pesquisas já realizadas; de cursos freqüentados no Brasil e também por força do contato e intercâmbio com colegas da área, de outras universidades brasileiras, consideramos importante alargar as possibilidades da pesquisa, ampliando seu alcance e também esse próprio contato com professores que atuem em linha semelhante.

Optamos, dessa forma, por conhecer melhor e "*in loco*" o trabalho de **Sophie Moirand**, na Universidade de Paris III, já que tínhamos tido a oportunidade anterior de tomar parte em cursos que a referida professora ministrara em São Paulo.

Na ocasião, procuramos ainda conhecer mais de perto o trabalho de P. Charandeau, Diretor do CAD (Centre d'Analyse de Discours) da Universidade de Paris X.

Convidada, assim pelos professores referidos, durante duas semanas e alguns dias, estive em Paris, participando das atividades do CEDISCOR (Centre d'Etudes et d'Analyse des Discours Ordinaires) e dos seminários do CAD.

Apesar do curto espaço de tempo, foi possível o desenvolvimento das seguintes atividades:

1. Entrevistas particulares com **Sophie Moirand**, ocasião em que tomamos conhecimento dos trabalhos desenvolvidos por seus doutorandos, junto ao CEDISCOR, Paris III, bem como entramos em contato com projetos vários do Centro, seja para divulgação de suas atividades no exterior (como por exemplo: recente curso sobre AD, ministrado em Moscou); seja aqueles referentes à organização de futuros eventos sobre o tema, junto à Universidade de Paris III.

2. Participação em seminários de doutorandos de **Sophie Moirand** que expunham não só o andamento de suas teses, mas também as dificuldades

encontradas no caminho das pesquisas. Revelou-se, nesses encontros uma excelente oportunidade para rica troca das experiências do grupo. Entre os diversos temas em estudo, destacavam-se trabalhos que tratavam das seguintes questões:

- . A dimensão discursiva: o lingüístico e o extra-lingüístico;
- . As pré-construções culturais e situacionais subjacentes aos sistemas de representação entre locutores;
- . As dimensões fundamentais de um trabalho com AD, enunciativa, argumentativa e pragmática;
- . A instância dialógica e a partilha do conhecimento;
- . A AD e o papel dos metadiscursos.

Na ocasião, relatei sobre os tipos de trabalhos desenvolvidos por meus orientandos, junto ao curso de pós-graduação da FEUSP.

3. Participação em seminário mensal, exclusivo para professores com *Doctorat d'Etat* (ou em vias de concluí-lo). O encontro, organizado por S. MOIRAND e J. PEYTARD consistiu de exposição da professora DENISE MALDIDIER (Paris X) sobre livro de sua autoria: **L'Inquiétude du Discours** obra que estuda a evolução do AD, desde seu início, nos anos 60, detendo-se especialmente nas várias fases que marcaram o trabalho de Pécheux.

Após o relato de MALDIDIER, seguiu-se uma exposição-debate orientada por Jean Peytard que se deteve basicamente sobre: os conceitos de: **enunciação, formação discursiva, interdiscurso e intertextualidade**. Tratou-se também da contribuição da **pragmática** à AD, contribuição essa trazida principalmente por BAKHTIN e por estudiosos anglo-saxões e ainda falou-se sobre a questão da "*erupção do sujeito*" conscientemente marcado no discurso.

A discussão foi aberta aos 16 participantes e se prolongou por mais de cinco horas.

4. Participação em seminário, dirigido por Patrick Charandeau, o já citado diretor do Centre d'Analyse de Discours da Universidade de Paris X. O tema básico do encontro foi a especificidade de certos discursos.

No caso, tratou-se dos processos de produção e recepção dos discursos radiofônicos e da imprensa.

Na oportunidade, fizemos relato de trabalho sobre o discurso de alguns gêneros televisuais e que foi tema de tese de livre docência, defendida em 1988 junto à USP.

- 5- Levantamento para atualização bibliográfica junto a:
- . Universidade de Paris - Biblioteca da Sorbonne;
 - . Livraria especializada.

III - IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA O PROJETO DE PESQUISA E PARA A FEUSP.

Existem no Brasil excelentes cientistas da linguagem e que atuam nas linhas teóricas da Análise de Discurso. No entanto, ainda está para se desenvolver um trabalho sistemático, sob a égide da AD e que se volte precipuamente para o estudo das relações discursivas entre segmentos do discurso educacional formal; que se volte para o universo das **pré-construções culturais** e das **representações** que mediatizam a relação professor aluno; que se volte para a natureza do dialogismo característico do processo escolar de interlocução.

Desse modo, a possibilidade de se implementarem linhas de pesquisa, seja sobre ensino de língua materna, seja sobre análise do discurso escolar, linhas que se apoiem nos pressupostos da AD, tal possibilidade, pois, se nos afigura como da maior envergadura. E isso se mostrou viável após o estágio.

Ainda em decorrência dos contatos estabelecidos, presentemente estudamos a possibilidade de traduzir alguns textos franceses para o aluno brasileiro, bem como já produzimos um artigo que deverá ser publicado em breve, por revista francesa. Também um capítulo sobre a **pré história da escrita** deverá vir a público em coletânea norte-americana, organizada pelos profs. Marta Kohl de Oliveira (FEUSP) e Jean Valsiner (Univ. of North Carolina).